

Felipe Barbosa de  
Sousa Costa<sup>1</sup>

Cássio Eduardo Soares  
Miranda<sup>2</sup>

Malvina Thais  
Pacheco Rodrigues<sup>3</sup>

Márcio Dênis  
Medeiros

Mascarenhas<sup>4</sup>

# Violência Sexual entre Adolescentes Escolares Brasileiros

*Sexual violence among Brazilian adolescent students*

## RESUMO

**Objetivo:** Descrever a prevalência de violência sexual contra adolescentes escolares brasileiros e identificar os principais perpetradores deste tipo de violência. **Métodos:** Estudo descritivo a partir de microdados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do ano 2015 feito com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas do Brasil. Estimou-se as prevalências e respectivos intervalos de confiança (IC95%) de violência sexual segundo o sexo, dependência administrativa da escola por regiões e unidades federativas, além de estimadas as prevalências e IC segundo o autor da agressão por regiões geográficas. **Resultados:** 48,3% dos estudantes eram do sexo masculino e 51,7% do sexo feminino. Os resultados mostraram que 4,0% (IC: 3,8-4,3) dos adolescentes escolares brasileiros foram forçados a ter relação sexual alguma vez na vida, sendo mais prevalente no sexo feminino (4,3%; IC: 4,0-4,7), em estudantes da rede pública de ensino (4,4%; IC: 4,1-4,7) e da Região Norte do País (5,3%; IC: 4,8-5,9). Foram observadas altas prevalências de agressores familiares e/ou com relacionamentos afetivos e amorosos com a vítima, principalmente de violência perpetrada pelo namorado(a)/ex-namorado(a) da vítima (26,6%; IC: 24,3-28,9). **Conclusão:** A violência por relação sexual forçada é um grave problema social e de saúde pública, apresentando taxas significativas entre escolares brasileiros. O autor da agressão frequentemente possui algum vínculo com a vítima, despertando atenção a alta prevalência de violência observada nos relacionamentos afetivos-amorosos.

## PALAVRAS-CHAVE

Violência sexual, adolescente, estudantes.

## ABSTRACT

**Objective:** Describe the prevalence of sexual violence against Brazilian adolescent students and identify the main perpetrators of this type of violence. **Methods:** Descriptive study based on micro-data from the National Survey of School Health (PeNSE) of the year 2015 made with students from the 9th year of elementary education in public and private schools in Brazil. It was estimated the prevalence and respective confidence intervals (IC95%) of sexual violence according to sex, administrative dependency of the school by regions and federative units, besides estimated the prevalence and IC according to the author of the aggression by geographic regions. **Results:** 48,3% of students were male and 51,7% female. The results showed that 4,0% (IC: 3,8-4,3) of Brazilian students were forced to have sexual intercourse at any time of their lives, being more prevalent in females (4,3%, IC: 4,0-4,7), in students of the public school system (4,4%, IC: 4,1-4,7) and in the Northern Region of the Country (5,3% IC: 4,8-5,9). There were high prevalence of family aggressors and / or with affective and loving relationships

<sup>1</sup>Graduado em Fisioterapia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (FACEMA). Caxias, MA, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, PI, Brasil.

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - Centro de Ciências da Saúde da UFPI. Teresina, PI, Brasil.

<sup>3</sup>Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, CE, Brasil. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - Centro de Ciências da Saúde da UFPI. Teresina, PI, Brasil.

<sup>4</sup>Doutor em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, Brasil. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - Centro de Ciências da Saúde da UFPI. Teresina, PI, Brasil.

Felipe Barbosa de Sousa Costa (felipe\_barbosama@hotmail.com) - Rua Castelo Branco, nº 815, Campo de Belém. Caxias, MA, Brasil. CEP: 65609-130.

Submetido em 07/12/2017 – Aprovado em 29/01/2018

with the victim, mainly violence perpetrated by the victim's boyfriend/girlfriend/ex-boyfriend/ex-girlfriend (26,6%; IC: 24,3-28,9). **Conclusion:** Violence through forced sexual intercourse is a serious social and public health problem, presenting significant rates among Brazilian students. The perpetrator of the aggression often has some connection with the victim, drawing attention to the high prevalence of violence observed in affective-loving relationships.

## > KEY WORDS

Sexual violence, adolescent, students.

## > INTRODUÇÃO

Submeter crianças e adolescentes a situação de violência sexual rompe com as regras sociofamiliares de responsabilização dos adultos para com os indivíduos em formação e desenvolvimento, transgredindo direitos e atentando gravemente contra a dignidade do outro<sup>1</sup>. Na realidade brasileira, os últimos dados oficiais disponibilizados pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos mostram que no ano de 2015 foram realizadas mais de 80 mil denúncias de violação dos direitos da criança e do adolescente, sendo que destas, mais de 25% correspondem ao crime de violação sexual<sup>2</sup>.

Diante da problemática da violência sexual perpetrada contra crianças e adolescentes, importantes medidas foram tomadas, a exemplo da lei 8.069 de 13 de julho de 1990 que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em seu artigo 5º afirma que: “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”<sup>3</sup>.

As formas de violência contra crianças e adolescentes, incluem violência física, psicológica e sexual. Esta última, objeto deste estudo, divide-se em abuso sexual intrafamiliar, abuso sexual extrafamiliar e exploração sexual comercial<sup>4</sup>.

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a violência sexual como um dos maiores problemas de saúde pública do mundo, visto que causa dano físico, psicológico e social<sup>5</sup>. Diversos estudos internacionais indicam o membro familiar como sendo o princi-

pal agressor sexual de crianças e adolescentes. Todavia, observam-se diversas situações de violência sexual envolvendo adolescentes, inclusive nos relacionamentos afetivo-sexuais<sup>6</sup>.

Este estudo objetiva descrever a prevalência e os principais perpetradores de violência sexual contra adolescentes escolares brasileiros.

## METODOLOGIA <

O presente estudo é uma pesquisa descritiva que foi realizada a partir dos microdados de um estudo transversal, desenvolvido pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, intitulado “Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar” (PeNSE) no ano 2015<sup>7</sup>. Os dados foram colhidos no sítio eletrônico do IBGE e encontram-se sob domínio público<sup>7</sup>.

A PeNSE 2015 adquiriu inovações após as edições de 2009 e 2012. Uma das principais foi a disponibilização de dois planos amostrais, um com escolares que estão frequentando o 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas e privadas do Brasil e o segundo plano amostral abrangendo escolares de 13 a 17 anos de idade do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do ensino médio<sup>7</sup>. Neste estudo foram utilizados dados disponibilizados do plano amostral 1. A amostra 1 da PeNSE 2015 foi representativa da população brasileira, contemplou os 26 municípios das capitais e o Distrito Federal, as 26 Unidades da Federação (UF), as cinco grandes regiões e o Brasil (n=102.072), totalizando 53 estratos geográficos<sup>7</sup>.

Uma amostra de escolas de cada estrato foi dimensionada e selecionada em cada estrato

geográfico. Na sequência, realizou-se a seleção de uma amostra de turmas em cada escola, seguida de convite aos alunos para participação no estudo. Assim, obteve-se uma amostra independente em cada estrato formado. Foram criados os estratos de alocação nos estratos geográficos, onde as escolas foram identificadas de acordo com o cruzamento dos estratos geográficos, a dependência administrativa (pública ou privada) e o tamanho das escolas de acordo com o número de turmas cadastradas do 9º ano do ensino fundamental. Para os estratos dos municípios das capitais e do Distrito Federal selecionaram-se as escolas nos estratos de alocação de maneira proporcional ao tamanho das escolas segundo o número de turmas<sup>7</sup>.

As respostas foram obtidas por meio de um questionário autoaplicável, com mais de 120 questões, inserido nos *smartphones* dos participantes da pesquisa. Na versão 2015 do questionário houve acréscimo de questões e exclusão de outras, além da permissão da possibilidade de “saltar” a questão, na perspectiva de reduzir seu tempo de aplicação e minimizando respostas inconsistentes. A metodologia detalhada da PeNSE está descrita em publicação específica<sup>7</sup>.

Para este artigo, analisou-se a violência sexual envolvendo adolescentes escolares por meio das seguintes perguntas contidas no item “SEGURANÇA” do questionário:

- “Alguma vez na vida você foi forçado(a) a ter relação sexual”? (sim/não);
- “Quem forçou você a ter relação sexual”? (namorado(a)/ex-namorado(a); amigo(a); pai/mãe/padrasto/madrasta; outros familiares; desconhecido; outros.

Estimou-se a prevalência de violência sexual com intervalo de confiança de 95% (IC) segundo o sexo (feminino ou masculino) e dependência administrativa (pública ou privada) por grande região e UF, e a prevalência de violência sexual de acordo com o agressor por grande região do país. Os dados foram analisados no software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, SPSS, versão 20.0 utilizando procedimentos do Módulo de Amostras Complexas,

adequado para analisar dados obtidos por plano amostral complexo.

A PeNSE 2015 foi aprovada na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, do Conselho Nacional de Saúde, por meio do Parecer nº 1.006.467, de 30.03.2015. Por se tratar de dados secundários disponibilizados em domínio público no site do IBGE e não permitir identificação dos participantes da pesquisa, o estudo atende a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e não requer apreciação e aprovação de Comitê de Ética.

## RESULTADOS

Dentre os estudantes entrevistados 48,3% eram do sexo masculino e 51,7% do sexo feminino. No que se refere à idade, aproximadamente 87,4% dos adolescentes estavam na faixa etária dos 11 aos 15 anos e 12,1% dos entrevistados possuíam idade igual ou superior a 16 anos. Em relação à dependência administrativa, 79,5% dos estudantes eram de escolas públicas e 20,5% de escolas particulares.

Na tabela 1, os resultados mostraram que 4,0% (IC: 3,8-4,3) dos adolescentes escolares brasileiros foram forçados a ter relação sexual alguma vez na vida, sendo mais prevalente no sexo feminino (4,3%; IC: 4,0-4,7), e entre estudantes da rede pública (4,4%) (IC: 4,1-4,7). Tem-se ainda que a região Norte do país apresentou prevalência mais elevada de relação sexual forçada (5,3%; IC: 4,8-5,9), com prevalência significativamente maior no sexo feminino (6,3%; IC: 5,6 -7,1) em relação ao sexo masculino (4,3%; IC: 3,6-5,0).

De maneira geral, a prevalência de violência por relação sexual forçada foi menor na rede privada de ensino. A tabela 1 mostra que diferenças significativas de vitimização por relação sexual forçada foram observadas entre escolas públicas e privadas nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Na região Nordeste, por exemplo, na rede pública a prevalência foi de 4,2% (IC: 3,8-4,6), enquanto que na rede privada a prevalência foi de 2,5% (IC: 2,1-2,9).

**Tabela 1.** Prevalência (%) e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) de escolares do 9º ano do ensino fundamental que foram forçados a ter relação sexual alguma vez na vida, separados por sexo e dependência administrativa da escola, segundo as Grandes Regiões do Brasil, 2015.

Grandes Regiões	Sexo						Dependência Administrativa da Escola			
	Feminino		Masculino		Pública		Privada			
	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%		
Brasil	4,0	3,8-4,3	4,3	4,0-4,7	3,7	3,3-4,1	4,4	4,1-4,7	2,0	1,7-2,3
Norte	5,3	4,8-5,9	6,3	5,6-7,1	4,3	3,6-5,0	5,5	4,9-6,0	3,8	2,0-5,6
Nordeste	3,9	3,6-4,3	4,0	3,6-4,5	3,8	3,3-4,3	4,2	3,8-4,6	2,5	2,1-2,9
Sudeste	3,7	3,2-4,2	3,8	3,2-4,4	3,6	2,8-4,4	4,2	3,6-4,8	1,2	0,7-1,8
Sul	4,2	3,7-4,7	5,2	4,4-6,0	3,2	2,5-3,8	4,4	3,8-5,0	2,1	1,4-2,9
Centro Oeste	4,4	3,9-4,8	4,7	4,0-5,4	4,1	3,5-4,6	4,5	4,0-5,0	3,6	2,6-4,7

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, Amostra 1, 2015.

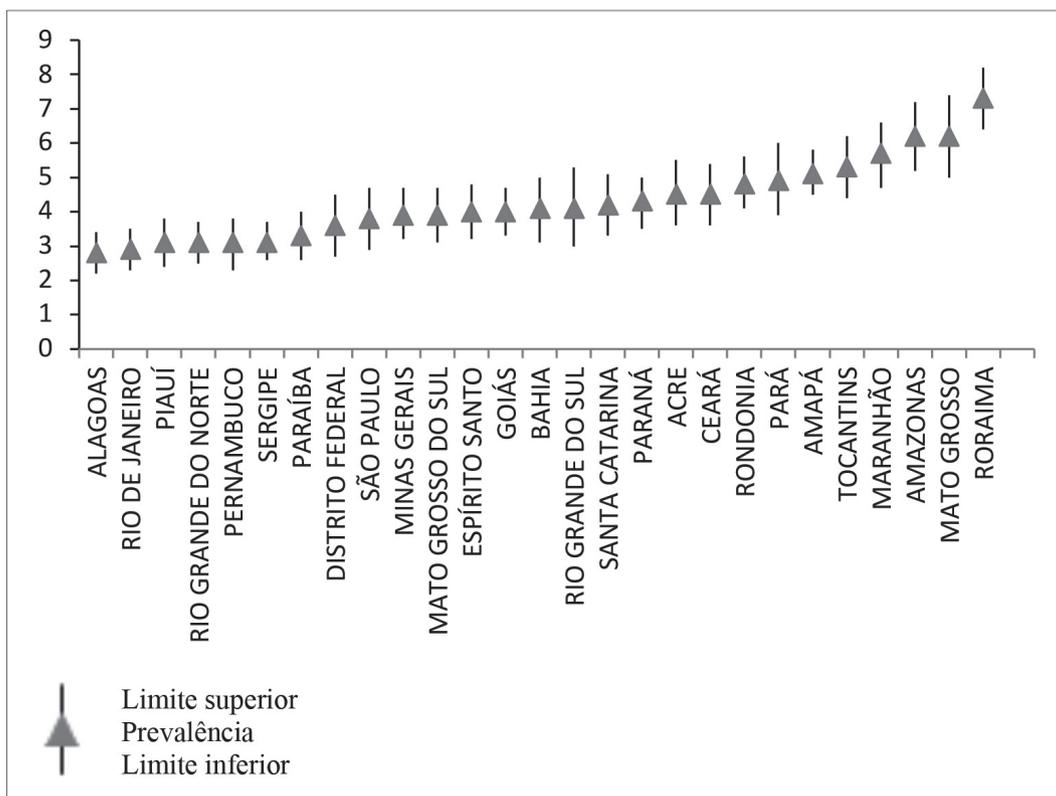
Na figura 1 são apresentadas as prevalências de escolares que sofreram relação sexual forçadas por unidades da federação. As maiores prevalências foram observadas nos estados de Roraima (7,3%; IC:95% 6,4-8,2), Mato Grosso (6,2%; IC: 5,0-7,4), Amazonas (6,2%; IC: 5,2-7,2), Maranhão (5,7%; IC: 4,7-6,6), Tocantins (5,3%; IC: 4,4-6,2), Amapá (5,1%; IC: 4,5-5,8), Pará (4,9%; IC: 3,9-6,0), Rondônia (4,8%; IC: 4,1-5,6), Ceará (4,5%; IC: 3,6-5,4) e Acre (4,5%; IC: 3,6-5,5). Nota-se que entre os dez estados com maiores prevalências, sete deles compõem a Região Norte do país, mesma região onde este tipo de violência foi mais prevalente (Tabela 1). A menor prevalência do Brasil foi observada no estado de Alagoas (2,8%; IC: 2,2-3,4).

Sobre o autor da violência, observa-se que houve maior prevalência nos relacionamentos afetivos-amorosos, onde o namorado(a)/ex-namorado(a) foi identificado como principal autor da violência sexual entre os escolares

brasileiros (26,6%; IC: 24,3-28,9), seguido por amigos (21,9% IC: 19,4-24,1) e outros familiares (19,7%; IC: 17,5-21,9). O agressor menos prevalente nas respostas dos estudantes brasileiros avaliados foram o pai/mãe/padrasto/madrasta, com prevalência de 11,9% (IC: 10,2-13,6). Evidenciou-se diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) entre a prevalência de violência sexual perpetrada por namorado(a)/ex-namorado(a) ou por amigos em relação à violência perpetrada pelo pai/mãe/padrasto/madrasta.

A região Centro-Oeste registrou a maior prevalência de violência perpetrada por namorado(a)/ex-namorado(a) (31,7%; IC: 27,5-35,8) e por pai/mãe/padrasto/madrasta (15,3%; IC: 12,0-18,5). Quando o agressor é um amigo(a), a maior prevalência foi aferida no Nordeste (24,8%; IC: 21,4-28,2). A região Sul registrou a maior prevalência para outros familiares (22,9%; IC: 17,5-28,4) e pessoas desconhecidas (16,2%; IC: 11,4-21,1) (Tabela 2).

**Figura 1.** Prevalência (%) e respectivos intervalos de confiança de 95% de escolares do 9º ano do ensino fundamental que foram forçados a ter relação sexual alguma vez na vida, segundo as Unidades da Federação, 2015.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, Amostra 1, 2015.

**Tabela 2.** Prevalência (%) e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC) de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, dentre aqueles que foram forçados a ter relação sexual, separados por tipo de agressor, segundo as Grandes Regiões do Brasil, 2015.

Grandes Regiões	Namorado/ex-namorado		Amigos		Desconhecido		Outros		Pai/mãe/padrasto/madrasta		Outros familiares	
	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%	%	IC:95%
Brasil	26,6	24,3-28,9	21,8	19,4-24,1	13,4	11,6-15,2	13,3	11,2-15,4	11,9	10,2-13,6	19,7	17,5-21,9
Norte	24,6	21,2-28,0	21,9	17,9-25,8	16,8	13,7-19,9	12,4	9,5-15,3	10,1	7,5-12,7	19,8	15,8-23,9
Nordeste	26,4	22,8-29,9	24,8	21,4-28,2	14,7	11,8-17,5	11,8	9,2-14,3	8,8	6,8-10,9	19,5	16,1-22,9
Sudeste	27,1	22,3-31,9	21,6	16,6-26,7	10,8	7,4-14,2	15,2	10,4-19,9	13,9	10,2-17,6	19,1	14,6-23,6
Sul	24,3	19,0-29,6	18,1	13,1-23,1	16,2	11,4-21,1	12,1	8,1-16,1	11,9	8,1-15,7	22,9	17,5-28,4
Centro Oeste	31,7	27,5-35,8	18,1	14,8-21,4	12,2	8,7-15,7	13,0	9,8-16,1	15,3	12,0-18,5	18,3	14,7-22,0

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, Amostra 1, 2015.

## > DISCUSSÃO

A PeNSE 2015 evidenciou que a violência por relação sexual forçada foi mais prevalente no sexo feminino, na região Norte do país e entre estudantes de escolas públicas.

Compreendida como um fenômeno complexo e de distribuição não homogênea no mundo, a violência, de maneira geral, é um grave problema social e de saúde pública. Sobre este fenômeno recaem a influência de fatores econômicos, sociais, políticos e culturais em que mais de 95% dos atos de violência praticados contra crianças e adolescentes acontecem em países com os menores indicadores de desenvolvimento econômico e social<sup>8</sup>.

A violência é um fenômeno que se materializa nas relações constituídas de forma desigual, estando as vítimas frequentemente em situação de desvantagem social e/ou física, com maior incidência em classes populares, moradores de periferias urbanas e regiões de baixo desenvolvimento socioeconômico<sup>9</sup>.

Situações de violência perpetradas contra crianças e adolescentes atentam contra as regras sociais de responsabilização dos adultos pelos menores e contraria o que se preconiza no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Estima-se que a cada hora sejam registradas cinco denúncias de violência contra crianças e adolescentes no Brasil através do serviço telefônico Dique 100, e este número pode ser ainda maior ao considerar o fato de muitos casos permanecerem em segredo<sup>10</sup>.

Estudos americanos com estudantes adolescentes indicam que 18% das meninas e 12% dos meninos já tiveram uma experiência de violência sexual<sup>11</sup>. De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, do departamento de Saúde dos Estados Unidos, estima-se que uma em cada quatro garotas e um em cada seis garotos já sofreram uma experiência de violência sexual perpetrada por um adulto ou adolescente mais velho<sup>12</sup>.

Neste estudo, as maiores prevalências de vitimização por violência sexual foram obser-

vadas no sexo feminino. De maneira geral os estudos sobre a temática da violência sexual contra adolescentes, relatam maior prevalência no sexo feminino, porém enfatizam a subnotificação existente nos sistemas de informação do país, onde a violência contra meninos é frequentemente negligenciada<sup>13</sup>. Soma-se a isso, o fato de que a construção de nossa sociedade se baseia numa cultura machista com padrões de masculinidade em que homens e meninos são indivíduos dotados de força, e por essa razão invulneráveis, incompatível com a posição de vítima, e por isso, frequentemente não revelam as experiências de violência sexual<sup>14</sup>.

A OMS destaca que a violência contra meninos é um problema significativo, com prevalência observada em países desenvolvidos entre 5 e 10% e em países em desenvolvimento são observadas prevalências variando de 3,6 a 20%<sup>15</sup>, corroborando com os achados deste estudo onde foram observadas prevalência de 3,7 (IC: 3,3-4,1).

Apesar deste estudo não ter verificado a relação entre variáveis socioeconômicas e a vivência de violência por relação sexual forçada, considera-se importante destacar que a região Norte, onde foram observadas as maiores prevalências, é uma das regiões do país com os menores indicadores econômicos e sociais, com as maiores taxas de desemprego, menor faixa de renda, maiores taxas de analfabetismo, dentre outros indicadores constantemente relatados na literatura como fatores relacionados com a maior possibilidade de vitimização por violências<sup>16</sup>.

A região Norte representa quase metade de todo território nacional, o que se torna um grande desafio para o desenvolvimento de políticas públicas. A esse fato somam-se as dificuldades de acesso aos seus estados - com várias cidades isoladas, a escassez de informações e dados sobre as condições de vida das crianças e adolescentes, especialmente das comunidades rurais<sup>10</sup>. Tais fatores permitem inferir que os números deste tipo de violência na região podem ser muito maiores que os números verificados neste estudo.

Pesquisas indicam que indivíduos com maior exposição a eventos violentos na comunidade, são mais propensos a sofrerem violência<sup>16</sup>. Nesta perspectiva, tem-se que dentre os dez estados onde foram verificadas as maiores prevalências de violência sexual, quatro deles estão entre os dez estados com as maiores taxas de homicídio do país, segundo o Atlas da Violência 2017. Desses, três pertencem à Região Norte, onde a violência por relação sexual forçada foi mais relatada, inclusive o estado de Roraima apresentou a maior prevalência<sup>17</sup>.

A elevada prevalência observada nos escolares da rede pública de ensino, justifica-se pelo fato de a maior parte deles pertencerem às classes socioeconômicas mais baixas e, assim serem mais vulneráveis a exposição a eventos violentos.

Ao analisar a vivência de relação sexual forçada segundo autor da agressão, a PeNSE 2015 evidenciou que na maioria dos casos, o agressor é conhecido da vítima e frequentemente alguém com quem a mesma mantém algum tipo de relacionamento, com maior prevalência relatada para o namorado(a)/ex-namorado(a) e amigo(a). Violências nas esferas relacionais dos adolescentes e jovens tem chamado a atenção da comunidade científica pela alta prevalência deste fenômeno no mundo. Na fase da adolescência vivenciam-se as primeiras experiências amorosas e sexuais, sendo então etapa de alta vulnerabilidade para relacionamentos violentos<sup>18</sup>.

Estima-se que de 2/3 a 3/4 de todas as experiências de violência sexual contra adolescentes são perpetradas por um familiar ou conhecido da vítima, potencializando os danos causados. A violência sexual perpetrada contra crianças e adolescentes impacta de diversas maneiras a vida das vítimas, com danos físicos, psicológicos, emocionais e sociais, dentre eles o medo, a fobia social, depressão, ideação suicida, abuso de álcool e outras drogas, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez<sup>8,11</sup>.

Dados de um estudo multicêntrico nacional com adolescentes escolares das redes pública e privada de ensino evidenciou que 10,1% dos escolares avaliados já sofreram violência sexual em

ao menos uma esfera relacional. Neste estudo, a maior prevalência de violência também foi verificada nos relacionamentos afetivos-amorosos, sendo o parceiro das vítimas apontado como principal agressor<sup>6</sup>.

Outro estudo realizado com adolescentes e jovens de capitais brasileiras mostrou que o parceiro ou ex-parceiro amoroso foi o principal agente da coerção (53,6%) para as meninas, seguido de amigo (18,1%). Para os rapazes, o principal agente foi o amigo (44,5%), seguido de parceiro ou ex-parceiro (33,3%)<sup>19</sup>.

Apesar de não ter sido verificado como principal agressor neste estudo, é importante refletir sobre a violência sexual cometida pelos pais e/ou pessoas que ocupam esta posição, uma vez que tal prática é cercada de mitos e tabus. A família é considerada um espaço seguro, de carinho e proteção, onde estes familiares incapazes de praticar qualquer ato violento contra os seus, sobretudo a violação sexual. No entanto, estes casos ocorrem e frequentemente impera o segredo na violência praticada pelos pais ou responsáveis, o que pode explicar a menor prevalência verificada em relação a outros agressores neste estudo<sup>10,13</sup>.

Os dados apresentados mostraram que os adolescentes escolares estão expostos a situações de violência sexual. A PeNSE constitui-se de uma ampla pesquisa, porém pode não corresponder à realidade encontrada em todo o país, sobretudo nas cidades do interior, além da amostra analisada neste estudo ser apenas do 9º ano do ensino fundamental, o que não inclui adolescentes que estão em outras séries de ensino.

## CONCLUSÃO

A crescente manifestação da violência no país atinge significativamente os adolescentes e jovens. A violência por relação sexual forçada é um grave problema social e de saúde pública, apresentando taxas significativas entre os escolares brasileiros, apesar da negligência e da potencial subnotificação.

A experiência de relação sexual forçada analisada pela PeNSE, foi mais prevalente no sexo feminino, entre estudantes da rede pública de ensino e nas regiões com os menores indicadores de desenvolvimento econômico e social, a exemplo da Região Norte onde todos os seus estados apareceram entre os dez estados com as maiores prevalências deste tipo de violência sexual.

Os principais perpetradores da agressão pertenceram a alguma esfera relacional dos adolescentes, com maiores prevalências verificadas nos relacionamentos afetivos-amorosos.

Os achados deste estudo descreveram a prevalência de violência por relação sexual forçada contra adolescentes escolares brasilei-

ros e possibilitaram identificar os principais perpetradores desta violência. Para melhor compreensão deste fenômeno complexo e dinâmico, faz-se necessária a realização de outros estudos que aprofundem esta discussão, relacionando características socioeconômicas dos escolares e dos locais onde habitam, que permitam inferir, por exemplo, sobre os fatores associados à maior prevalência observada em escolares do sexo feminino, da rede pública e de regiões mais pobres do país. Importante destacar a necessidade de compreender a dinâmica do abuso sexual intrafamiliar e nas relações afetivas e amorosas dos adolescentes, uma vez que a prática de relação sexual forçada foi mais prevalente nesta esfera relacional.

## > REFERÊNCIAS

1. Faleiros VP, Faleiros ES. Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Educação; 2007.
2. Brasil. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Secretaria Especial de Direitos humanos. Balanço Anual da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos 2015. Brasília, DF; 2016.
3. Brasil. Lei n 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, p. 13563, Brasília, DF; 1990.
4. Carvalho LS. A violência sexual na adolescência: significados e articulações [tese de Doutorado]. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ; 2012. Páginas.
5. Lustosa A, Pereira A, Moreira D, Silva A, Marques L, Vieira L. Abuso Sexual contra crianças: evidências para o cuidado de enfermagem. Cadernos ESP 2016; 8 (2): 50-63.
6. Carvalho LS, Assis SG, Pires TO. Violência sexual em distintas esferas relacionais na vida de adolescentes. Adolesc Saude. 2017; 14 (1): 14-21.
7. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.
8. Lima HCAF. Saúde e Violência Sexual contra crianças e adolescentes em Boa Vista – Roraima: limites e desafios. In: VII Jornada Internacional de Políticas Públicas-UFMA; 2015. Ago 25-28; São Luís do Maranhão; 2015.
9. Mekuria A, Nigussie A, Abera M. Childhood sexual abuse experiences and its associated factors among adolescent female high school students in Arbaminch town, Gammo Goffa zone, Southern Ethiopia: a mixed method study. BMC Int Health Hum Rights. 2015; 15 (1): 21.
10. Vieira MS, Oliveira SB, Sókora CA. A violência sexual contra crianças e adolescentes: particularidades da região Norte do Brasil. Rev Intellector 2017. 13 (26): 136-151.
11. Kaufman M. Care of the adolescent sexual assault victim. Pediatrics 2008; 122 (2): 462-470.
12. Levine E. Sexual Violence Among Middle School Students: The Effects of Gender and Dating Experience. J Interpersl violence 2015; 32 (14): 2059 – 2082.

13. Hohendorff JV, Costa LS, Habigzang LF, Koller SH. Documentary Analysis of Cases of Sexual Violence Against Boys Reported in Porto Alegre. *Paidéia* 2014; 24 (58): 187-196.
  14. Haile RT, Kebeta ND, Kassie GM. Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. *BMC Int Health Hum Rights* 2013; 13 (1): 24.
  15. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. World report on violence and health. Geneva, Switzerland: WHO; 2002. *Paginação?*
  16. Dos Santos GR, Pales RC, Rodrigues SG. Desigualdades Regionais no Brasil–1991-2010. *Inter Science Place*. 2015; 1 (31): 145-173.
  17. Cerqueira D, Lima RS, Bueno S, Valencia LI, Hanashiro O, Machado PHG, et al. Atlas da Violência 2017. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública; 2017. *Paginação?*
  18. Schoenmaker M, Gessner R, Fornari L, Fonseca R, Oliveira R. A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online. In: 5º Congresso Ibero-Americano Em Investigação Qualitativa 2016 Jul 12-14; Porto, Portugal; 2016. p. 748-757.
  19. Moraes CL, Cabral CS, Heilborn ML. Magnitude e caracterização de situações de coerção sexual vivenciadas por jovens de três grandes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. *Cad Saúde Públ* 2006; 22 (7): 1493-1504.
-